

BOCAGE, "POETA DA CONTRADIÇÃO". TAMBÉM NA POESIA ERÓTICA, BURLESCA E SATÍRICA ?

JOÃO M. SANT'ANA DE MATOS *

Ao título interrogativo e nele subjacentes outras perguntas se sucedem: até que ponto certas marcas, que alguns ensaístas detectam na poesia oficial de Bocage, estão também presentes na sua poesia marginal, isto é, na poesia erótica, satírica e burlesca? Haverá coincidências? Haverá oposições para além das directamente relacionáveis aos temas tratados? Conterão os temas jocosos, e os outros, os mesmos indícios, as mesmas marcas, os mesmos aspectos susceptíveis de reflectirem uma constância não superficial mas profunda, uma constância psicológica? A contradição em Bocage será real? Será aparente?

Encontrar respostas, nunca definitivas, é o nosso intuito.

Simultânea e paralelamente pretende-se não propriamente divulgar a faceta mais conhecida do poeta sadino, a de um Bocage brejeiro, obsceno, mas mostrar que tal faceta não é, não pode ser, impeditiva de uma abordagem literária, de um estudo ensaístico. Não só porque grandes poetas da humanidade produziram textos de temática igual ou idêntica (Catulo, Ovídio, Horácio, Juvenal, Afonso X, D. Dinis, Aretino, etc., etc., etc.) mas também porque, quer se queira quer não, tais poemas usam palavras que fazem parte da língua portuguesa e têm, devem ter, direito ao mesmo estatuto científico que as restantes.

Neste trabalho utilizaremos, funda-

mentalmente, duas edições da poesia de Bocage: a *Opera Omnia*, dirigida por Hernâni Cidade e editada pela Bertrand em 1969, e, por motivos que adiante apontaremos, a edição de "1000 ex. numerados e destinados ao Brasil" das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satyricas*, datada de 1964, mas que parece ser *fac-símile* de uma outra de "London - MCMXXVI". Referenciaremos esta edição pela sigla PEBS.

Segundo a *História da Literatura Portuguesa*, de António José Saraiva e Óscar Lopes, as *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas* foram editadas em Bruxelas, 1854, Baía, 1860 e 1861, e Londres, sem data. Será esta última aquela que acima se aponta? Será aquela um *fac-símile* (ou uma re-edição?) das anteriores? Pelos locais das edições, é de presumir que não tenham sido destinadas, nem distribuídas, em Portugal, à excepção, talvez, da primeira.

Em 1991, contudo, uma nova edição conheceu a luz do dia. É ela a da *Publicações Europa-América* (coleção "Clássicos" nº 15), que referenciaremos pela sigla PEA, com o mesmo título da de 1964.

Infelizmente, esta nova edição enferma de alguns defeitos que não aconselham a exclusividade da sua utilização para este, ou qualquer outro, trabalho⁽¹⁾.

A edição de 1964 das poesias eróticas tem a curiosidade de apresentar notas

* Docente da ESE de Beja

para a quase totalidade dos poemas (note-se que, de 220 páginas que o volume contém, 55 são ocupadas com notas). Nestas notas são dadas informações quanto à génese dos poemas, o que aponta para um anotador perfilhando teorias positivistas; são apresentadas, ou indicadas que existem, variantes a alguns versos; são incluídas outras composições, sejam repostas a Bocage, sejam composições de outros autores sobre o mesmo tema; justifica-se a selecção apresentada; Informa-se dos casos duvidosos de autoria, etc., etc., etc. Em suma: as notas contêm muitos dos quesitos de uma edição crítica⁽²⁾. Pena é que não conste, em qualquer ponto da edição, o nome do seu autor.

Como já dissemos, a edição da PEA omite toda e qualquer nota. Por este motivo, e pelos aspectos adiantados na nota nº 1, privilegiaremos a edição de 1964. Todavia, as citações de poemas, as remissões, as referências, etc., reportar-se-ão à edição da PEA, porque acessível. Sendo ela omisa, transcreveremos de PEBS a matéria considerada necessária.

Critérios de transcrição em relação à PEBS:

- Porque no próprio original há passagens enquadradas por parêntesis curvos, nas interpolações de nossa autoria usaremos o parêntesis recto;
- As transcrições serão, como o devem ser, fidedignas. Contudo, admitimos que, fruto da força do hábito normativo, a revisão atenta, que fizemos, não detecte possíveis erros de transcrição (isto é, transcrever, segundo a norma ortográfica vigente, palavras que em PEBS, por a norma ser outra, nos aparecem com registo diferente). Pelo facto, pedimos antecipadamente a vossa boa compreensão.

"[...] e um pálido, esquisito mancebo, o Senhor Manuel Maria, a criatura mais extravagante, mas porventura a mais original que Deus ainda formou. [...]. Mil ditos conceituosos. mil rasgos de de-

lirantes jovialidades. mil apodos satíricos por ele incessantemente vibrados. fizeram-nos finir de riso: quando, porém, começou a recitar algumas das suas composições, nas quais grande profundidade de pensamento se alia com os mais patéticos toques, senti-me comovido e arrebatado. Pode-se na verdade dizer que aquele estranho e versátil caracter possui o verdadeiro segredo do encantamento, com o qual, ao grado do seu possuidor anima ou petrifica um auditório inteiro"⁽³⁾

É este o retrato, tanto físico como intelectual e psicológico, que Lorde Beckford faz de Bocage, que terá conhecido pessoalmente aquando da sua passagem por Lisboa no último quartel do século XVIII. Passando por cima da possibilidade de o episódio ser fictício em virtude de, na data por Lorde Beckford indicada, Bocage se encontrar na Índia, o que pretendemos realçar é, apesar da potencial ficcionização do encontro, o retrato de Bocage ser, ou parecer ser, bastante fidedigno. Pelo menos ele parece coincidir não só com os auto-retratos poéticos do próprio Bocage como, também, com as descrições físicas que outros poetas dele fazem nas disputas, sátiras, críticas, etc., que os envolveram⁽⁴⁾.

Quase poderíamos dizer, não fora uma caracterização algo extremista, possuir Bocage uma personalidade simultaneamente destruidora e auto-destruidora.

Destruidora para os outros, para os seus inimigos, porque satírica, verrinosa e violenta em muitos dos seus escritos. Um exemplo basta, contra o árcade padre Domingos Caldas Barbosa (Lereno Selinuntino):

"Nojenta prole da rainha Ginga,
Sabujo ladrador, cara de nico,
Loquaz saguim, burlasco Teodorico,
Osga torrada, estúpido resinga;

E não te acuso de poeta pinga;
Tens lido o mestre Inácio, e o bom Supico;
De ocas ideias tens o casco rico,
Mas teus versos tresandam a catínga:
Se a tua musa nos outeiros campá,
Se ao Miranda fizeste ode demente,

E o mais, que ao mundo estolido se incam-
[pa:

É porque sendo, oh Caldas, tão somente
Um cafre, um goso, um néscio, um parvo,
[um trampa
Queres meter nariz em cu de gente."⁵

Auto-destruidora porque, perdido no meio de paixões irrealizáveis, é no silêncio final que julga, que pensa e quer (?) encontrar a paz: "Refúgio me promete a amiga morte" e "Suspiro pela paz da sepultura" escreve ele em dois sonetos⁽⁶⁾.

Destruidora porque fruto das vicissitudes da vida, das incompreensões, das traições; auto-destruidora porque extremamente sensível, porque reflexo de carências nunca ultrapassadas, antes permanentemente excitadas e agudizadas:

"Esse abismo, esse Orco eterno
Não é filho da razão;
Os pavores da ilusão
É que pariram o inferno.
Pelo sizo me governo,
Que louco e falso o presume,
Mas, se não creio esse lume,
Nem esse invento maldito,
Por exp'riência acredito
No inferno do Ciúme."

II

[...]
Sabeis vós o que é verdade?
O inferno do Ciúme."⁽⁷⁾

Ou, por exemplo, os sonetos "Chorosos versos meus desentoados" e "Ó retrato da Morte! Ó noite amiga."

Destruidora por raiva contra o meio social, cultural ou outro qualquer:

Turba esfaimada, multidão canina,
Corja, que tem Deus ou Momo, ou Baco,
Reina e decreta nos Covis de Caço
Ignorância d'aqui, d'ali rapina;⁽⁸⁾
ou o soneto, susceptível de conter uma ideologia política, que começa "Sanhudo,

inexorável Despotismo".

Auto-destruidora por raiva contra si próprio, pois

"Fiei-me nos sorrisos da Ventura,
Em mimos femenis. Como fui louco!"

mas, mesmo assim ou por isso mesmo,

"[...] não me roubou tudo a negra Sorte:
Inda tenho este abrigo, inda me resta
O pranto, a queixa, a solidão e a morte."

Destruidora e auto-destruidora.
Contradição?

Bocage é considerado um poeta de contradições. São desta opinião muitos daqueles que sobre a sua obra poética se debruçaram. Vejamos alguns:

Nele, "a contrição mais pungente alterna [...] com o comprazimento na paixão indigna" e "é impressionante, a seguir à audácia velada de certos apólogos antinobiliárquicos, antimonárquicos, antiescravagistas [...] ler os numerosos pedidos de intercessão junto dos poderosos, os elogios hoje incrivelmente hiperbólicos que lhes dedica"⁽⁹⁾.

"Nas ideias, no sentir, como na estética literária, Bocage reflecte uma época de transições. Vazou a turbulência subjectiva em formas inadequadas [...]"¹⁰.

"Dessas três facetas [a lírica, a satírica e a erótica] se projecta desde logo o que poderá ser considerado como fundamental em Bocage, homem ou poeta: o seu carácter eminentemente contraditório"⁽¹¹⁾.

"Bocage é, sob vários aspectos, um ser contraditório por constituição, agravada pelo que de contraditório se agitava na época em que viveu"⁽¹²⁾.

"[...] porque se há um traço passível de caracterizar a obra de Bocage, esse traço é a contradição patente numa formação neoclássica a nível estético e filosófico, mas com uma atitude perante o mundo própria de um iluminista, filho do século das luzes. Vivia num mundo ainda dividido

entre o Absolutismo e as novas ideias da liberdade"⁽¹³⁾;

"[...] a genealogia do poeta não se estabelece com simplicidade, porque toda a sua vida decorreu em conflito entre dois momentos distintos: um momento passado, traduzido na adesão a uma escola (a Nova Arcádia) ou a uma ideia (a elegia à morte de Maria Antonieta ou os cantos à Conceição de Nossa Senhora, por exemplo) e um momento presente, afirmando o repúdio dessa escola ("Vós, ó França, Semedos, Quintanilhas" ou "Não tendo que fazer, Apolo um dia") ou dessa ideia ("Liberdade, onde estás?; a Epístola a Maríjja -- Pavorosa Ilusão da Eternidade)"⁽¹⁴⁾;

"De facto, Bocage, o perpétuo desadaptado, não soube viver, não só porque moralmente se enganou e se desviou do recto caminho, mas porque, por condição e natureza, era predestinado para a ânsia dos desatinos. Viu sempre diante de si as duas fauces de um abismo devorador: Eros que o atraía, porque a vertigem o dominava; e que lhe causava horror, porque nele encontrava todos os "venenos letais" da escravidão e do engano"¹⁵

Bocage poeta de contradições. Contradições que derivariam não só do próprio momento político-social - a Revolução Francesa era certamente seguida, quiçá desejada, por muitos em Portugal - como em razões de foro psicológico com origem, sobretudo, na sua infância.

João Mendes, na *Literatura Portuguesa II*, baseando-se em estudos do filósofo francês Bachelard, considera que em Bocage, no "esquema fundamental da imaginação do poeta", é patente a existência de um "complexo de Jonas". Este complexo, que no fundo será uma atracção e repulsa pelo abismo ou a "atração pelo abismo devorador e a aspiração do resgate luminoso", teria sido provocado, primordialmente, pelo traumatismo psicológico que a morte da mãe originou no poeta sadino e, de Carlz diferente mas quiçá idêntico nas profundezas do espírito, agravado pela traição da amada Gertrúria que, suspeita-se sem grandes fundamentos, terá casado

com o seu irmão Gil.

Expliquemos melhor:

Na opinião do filósofo francês, a morte extemporânea da mãe de uma criança cria, nesta, um sentimento de desamparo, que pode evoluir para a criação da "vertigem da queda no abismo". Esse sentimento de desamparo poderá originar, também uma série de necessidades (conscientes? Inconscientes? Que transitam de um estado para o outro?) substitutivas dessa carência, necessidades essas talvez concomitantes, talvez antagónicas, talvez complementares, mas que em última análise radicarão nesse desamparo e nessa solidão uma vez sentidos e nunca mais desejados.

Serão elas:

- a vida aventureira, como factor de esquecimento, como embotamento de sentidos, ou como tentativa de encontrar no seio de uma comunidade, seja ela qual for, o amparo perdido;
- o amor por uma mulher, vista não só como amante mas, e sobretudo, como a companheira, o amparo, a mãe que cedo se perdeu;
- a busca incessante.

Para o primeiro caso temos o ingresso, com dezasseis anos, na vida militar; o abandono da mesma (porque nela não encontrava o que no fundo pretendia e precisava?); a vida de boémia;

Para o segundo, não só mas principalmente, a Gertrúria, cuja traição originará reacções idênticas às da orfandade maternal, ou cujo abandono será sentido, inconscientemente (?), como foi o do abandono da mãe;

Para o terceiro, a vida amorosa que terá tido e que se reflecte na sua poesia.

Ou, como melhor afirma João Mendes:

"E a fazermos fé em Bachelard, [...] então a morte precoce da mãe de Bocage teria podido desencadear um processo e agravar todas as predisposições inatas do poeta. Em que sentido? No de uma orfan-

dade sedenta de amparo e carinho, aconchego que nunca veio a encontrar em múltiplas paixões amorosas irresistíveis, e que estabelece, na sua imagética lírica, um dos casos típicos de contaminação entre o ventre digestivo que devora e o ventre sexual que é origem de sombrias desilusões.⁽¹⁶⁾

Esta atracção pelo abismo devorador, que também poderá ser um regresso ao seio materno junguiano, reflectir-se-á no que à produção poética diz respeito, na temática de muitos poemas, na utilização de certa terminologia mais escura, mais nocturna, mais "hórrida" ou mais feminina e, também, nos ambientes onde, em muitos deles, se desenrola a acção (que, ao contrário do habitual, é característica de uma boa parte da poesia bocagiana, pois muitas das suas poesias eróticas, burlescas e satíricas não são estáticas, ao invés, são autênticas mini-narrativas de acção explícita, ou sugerida).

Nesta perspectiva, são utilizados bastantes termos do campo semântico, e simbólico, do feminino (grutas, cavernas, sepulturas, taças, suspiros, lágrimas, queixumes, ais, seios, abismos, etc.), da noite e suas cambiantes e/ou sugestões, do horror nos seus diversos estádios e das acções com esses campos semânticos associadas, ainda que indirectamente. E não se pense ser só naquela poesia, digamos séria à falta de melhor adjectivo. O mesmo se constata nas produções que pelas suas características intrínsecas - uma certa leviandade, uma certa alegria (?), um certo humor, uma certa ironia que, pensamos, estão intimamente ligadas à sátira, a algum burlesco e ao erotismo - tais aspectos pareceriam não conter.

Dir-se-á que a prática amorosa, por necessitar da intimidade conveniente, tem na noite, na escuridão, nas sombras, a sua melhor cúmplice e a sua melhor auxiliar na criação dos ambientes propícios aos objectivos pretendidos, sobretudo se ilícitos. De tal sorte assim é que ela, a noite, se transformou em topos da poesia, e não só de cariz amoroso.

Não será de estranhar, portanto, que, na poesia erótica de Bocage, prevaleçam os ambientes nocturnos, só que nem

sempre são apresentados na perspectiva, ou nos moldes, da restante poesia. Ou seja: os ambientes nocturnos, e seus apaniguados, surgem-nos, no geral da composição amorosa, como uma necessidade orgânica da composição, como uma obrigatoriedade de género, como uma ficcionalização do real e, assim sendo, pintados com traços mais ou menos ligeiros, esboços mais ou menos incompletos, sombras sugerindo volumes surgem-nos como uma capa para os amantes, e uma capa para o enredo. Ora na poesia erótica de Bocage, esses espaços são os espaços concretos e reais, ainda que por vezes somente sugeridos, onde se desenrolam, ou poderão desenrolar, as acções amorosas (os quartos, as escadas, os salões), espaços que até poderão ser públicos e iluminados, portanto de menor intimidade. E esta característica transmite-lhe, pensamos, um ar de maior veracidade, sobretudo naquelas em que o autor é interveniente na acção.

Vejamos alguns exemplos extraídos dos sonetos erótico-satíricos:

N'um capote embrulhado, ao pé de Armia
Que tinha perto a mãe o chá fazem
[...]
A noute começou de bofetada"
(son. XXXVII)

No canto de um venal salão de dança"
(son. VIII)

Amar dentro do peito uma donzela,
[...]
Depois da meia noute na janela:
Fazê-la vir abaixo [...]
Sentir abrir a porta [...]
Entrar pé ante pé [...]" (son. XLI)

"Pela rua da Rosa eu caminhava
Eram sete da noute [...]" (son. XXIV)

Dormia a sono solto a minha amada,
Quando eu pé ante pé no quarto entrava"
(son. XXVII)

Eram oito do dia: eis a criada
Me corre ao quarto [...]" (son. XXVIII)

Eram seis da manhã; eu acordava
Ao som da mão, que à porta me batia:
(son. XXX)

'Mas se o pai acordar! ... (Marcia dizia
A mim, que à meia noute [...])
Sempre em pé a dizer: [...]
Sesso à parede [...]
assentado n'um degrau da escada
(son. XXXI)

Pela escadinha de um courão subindo
Parei na sala, onde não entra o pejo
(son. XXIX)

Como, cremos, facilmente se constata, o tratamento dos espaços, ainda que nocturnos na maioria dos casos apon-tados, é bastante diferente, até pela acção que os envolve ou lhes está subjacente, dos das composições a que, atrás, chamei sé-rias.

Uma das mais sensíveis zonas de inovação bocagiana situa-se lá para os lados da exploração aos *horrissonos tu-rosos*: aos ambientes *hórridos* e *tenebrosos* [...] que o gosto melodramático pré-romântico avivava' Isto afirma Oscar Lopes⁽¹⁷⁾

Por seu turno, João Mendes aponta o uso frequente, por Bocage, de termos como "devorar", "voraz", "horror", "pavor", "angústia", "tristeza", "suspiro", "gemido", "ân-sia", "queixume", "infernal", "amargor" e seus derivados, como exemplo, e prova?, do complexo de Jonas já focado ou, talvez com mais precisão, como exemplos de uma "verdadeira psicose de ansiedade e angústia". Cremos que ambos os autores se reportam à poesia mais séria. Passar-se-á o mesmo na erótica? Vejamos:

"horrendo marsapo", "horrenda cria-tura", "tenebrosos membros", "afritos ur-ros", "motim pavoroso", "trovão fero no ar, no mar tormento", "terrífica visão", "ao ter-ror se curva e rende", "fela catadura", "ter-rível dextra", "alento sibilante", "chega o dia infeliz" (o dia do casamento), "férvido de-sejo", "oh noute de terror, noute de espanto", "mortífera estocada", "depois de ter o esposo o bucho farto", "da contrária fortu-

na ali se queixa", "mortal quebranto", "o vin-gativo Amor", "fogo infernal", "provar-lhe o bolo", "rípido elefante", "até nas profundas do Inferno", "estrondo horrendo", "Pavoro-sa ilusão", "terror dos vivos, cárcere dos mortos", "báratro de angústias", "Impostu-ra horrissona", "funesto", "crueldade", "horror terrível quadro", "horror de bárba-ras cruezas", "furor todo abrasado", "pa-vor", "furores", "que sanha! que furor! que atrocidade", "cruéis, infandos tempos", "fantásticos terrores", "das entranhas ar-dentes me devora", "seus efeitos pintam horrorosos transportes [amorosos], que os devoram", "assombrado de espanto, e de terror" etc.

Pela amostragem, assaz incomple-ta, parece bem que sim, que também na poesia erótica tal terminologia, com o que ela terá de subjacente no psiquismo do poeta, é frequente.

E será lícito concluir, com base ne-las, não ser tão contraditório quanto isso o poeta Manuel Maria? Ou será abusiva tal conclusão?

Se os temas abordados pelo poeta ao longo da sua vasta produção; se as ideias que defende numa altura da sua vi-da são por ele fortemente(?) atacadas nou-tra; se a maneira de estar perante as ins-tituições não é a mesma hoje e amanhã; se ataca e depois implora; se odeia e depois perdoa; se todo este estar e ser é antagó-nico, é oposto, é contraditório, que pensar, que concluir, que inferir se se entrar em li-nha de conta, e de análise, com uma certa uniformidade, com uma certa coerência, com uma certa permanência das linhas de fundo do psiquismo de Bocage? Pois se mesmo na poesia burlesca, erótica e satí-rica são constantes os termos, peculiares, que melhor caracterizam Bocage como poeta de uma escola em formação ...

Bocage foi um repentista, um impro-visor, um boémio.

Foi um anti-tudo e um anti-nada; foi um pró e um contra; foi um romântico sem o ser na plenitude dos quesitos necessá-rios; foi um neo-clássico em abandono do neo-classicismo.

Foi um platónico e um libertino.

Foi um satírico.

Foi um reivindicador do direito à sinceridade e à liberdade do, e no, amor.

É isso que se infere não só daquela que terá sido a sua vida mas, sobretudo, da Epístola a Marília, talvez mais conhecida pelo incipit "Pavorosa Ilusão da Eternidade", e das cartas de Olinda e Alzira.

Em ambas é patente essa perspectiva, quase diríamos revolucionária, de o amor como entidade libertadora e não escravizadora. Mais. Nas cartas de Olinda e Alzira essa perspectiva é feminina, o que lhes dará um cunho ainda mais revolucionário: cartas de emancipação da mulher. Atente-se nos seguintes versos:

"Chamem embora apáticos estóicos
Ardores sensuais os que me inflamam;
Chamem-me torpe, chamem-me impúdi-
[ca;

Tais vilipêndios valem o que eu gozo.
Venha a rançosa, vã teologia
Crimes fingir, criar eternos fogos,
Eu desafio os seus sequazes todos,
Eu desafio o Deus que eles trovejам!...
Nos mais puros deleites embebida,
Bem os posso arrostar, posso aterrá-los!
Não estremeças, não, amada Olinda;
Longe do Fanatismo a turma odiosa,
Que infames leis, infames prejuízos,
Quais cabeças fatais d'hidra indomável
Para o mundo assolar tem rebentado!
Não há para os cristãos um Deus dif'rente
Do que os gentios têm, e os muçulmanos;
Dogmas de bonzos são condignos filhos
Da fraude vil, da estúpida ignorância,
Da opressora política produtos.
O que a Razão desnega, não existe.
Se existe um Deus, a Natureza o of'rece:
Tudo o que é contra ela, é ofendê-lo.
A sótida moral não necessita
De apoios vãos: seu trono assenta em
[bases
Que firmam a Razão e a Natureza."⁽¹⁸⁾

A citação é longa, mas nela é perfeitamente visível uma defesa acérrima do amor físico e um ataque feroz aos dogmas, aos conceitos, às opiniões, às regras, às leis, a tudo quanto a Igreja introduziu na

sociedade e que só à mulher se aplicava, e que só a mulher era obrigada a respeitar. Até porque

"Se tudo a amar convida, e nos impele,
Quem ousa amor chamar crime execran-
[do?..."⁽¹⁹⁾

E se na Epístola a Marília, que estará na origem da prisão de Bocage, perspectivas idênticas são apresentadas pelo poeta (a maior diferença residirá em, agora, ser uma voz masculina quem aconselha)

IV

[...] Se a rigorosa
Carrancuda expressão de um pai severo,
Te não deixa chegar ao caro amante
Pelo perpétuo nó, que chamam sacro,
[...]
Se obter não podes a união solene,
Que alucina os mortais, [...]
[...]
Reclama o teu poder, os teus direitos,
Da justiça despótica extorquidos;
Não chega aos corações o jus paterno,
Se a chama da ternura os afogueia;
De amor há precisão, há liberdade.
Eis pois, do temor sacode o jugo,
[...] e [...]
Pelos sombras da noute, a amor propícias,
Demanda os braços do ancioso Elmano,
Ao risonho prazer franqueia os lares:
Consiste o laço na união das almas:
Do ditoso himeneu as venerandas
Caladas trevas testemunhas sejam;
Seja ministro o Amor e a terra templo,
[...]
[...]: incita, incita
O que só de prazer merece o nome.
[...]
Sentirás suspirar, morrer o amante,
Com os seus confundir os teus suspiros;
Hás-de morrer e reviver com ele.
[...]
Amar é um dever, além de um gosto,
Uma necessidade, não um crime,
Qual a impostura horrisona apregoa."⁽²⁰⁾

ela, a Epístola, é, também e sobretudo, um

libelo contra a religião (contra os agentes religiosos) e contra a hipocrisia; um libelo contra as teses propugnadas e defendidas pela Igreja no que à existência de Deus e Seus poderes diz respeito; ela é, também, o reflexo de um certo deísmo de B

I

"Pavorosa ilusão da Eternidade,
Terror dos vivos, cárcere dos mortos;
[...]
Sistema da política opressora.
[...]
Dogma funesto, detestável crença,
Que envenenas delícias inocentes,
[...]
Perpétua escuridão, perpétua chama,
Incompatíveis produções do engano,
[...]
Trema de ouvir sacrílego ameaço
Quem dum Deus quando quer faz um tira-
[no:
[...]

II

Oh Deus, não opressor, não vingativo,
Não vibrando com a dextra o raio ardente
Contra o suave instinto que nos deste;
[...]
Monstros de vis paixões, danados peitos,
Regidos pelo sôfrego interesse,
[...] te atribuem
A cólera, a vigança, os vícios todos,
[...]
Quer sanhudo ministro dos altares
Dourar o horror das bárbaras cruezas,
[...]:
Ei-lo, em santo furor todo abrasado,
[...]
Ei-lo cheio de um Deus tão mau como ele,
Ei-lo citando os hórridos exemplos
[...].
Ah! Bárbaro impostor, monstro sedento
De crimes, de ais, de lágrimas, d'estragos,
[...] reprime as garras,
E a torrente de horrores, que derramas,
Para fundar o império dos tiranos,
[...].

III

[...].
Do coração, da ideia, ah! desarreiga
De astutos mestres a faiz doutrina,
[...]:
Há Deus, mas Deus de paz, Deus de pie-
[dade.
Deus de amor, pai dos homens, não flage-
[lo;
[...]:
Amor é lei do Eterno, [...];
As mais são invenções, são quasi todas
Contrárias à razão, e à natureza,
[...].

IV

[...].
Céus não existem, não existe inferno,
O prémio da virtude é a virtude,
É castigo do vício o próprio vício."⁽²¹⁾

deísmo que bastantes amargos de boca lhe trouxe e que mais tarde, já no final da vida, virá a denegar naquele que será o seu mais conhecido soneto ("Já Bocage não sou!"), mas também em outros, de que se transcreve, por mais óbvio:

"Pela voz do trovão corisco intenso
Clama que à Natureza impera um Ente,
[...]
Pasmado da imensidade é crer o imenso:
Tudo em nós o requer, o adora, o sente.
Provam-te os olhos, ouvidos, peito e
[mente?
Númen! Eu ouço, eu olho, eu sinto, eu pen-
[so!
[...]
Sempre (até das paixões no desatino),
Tua clemência amei, temi Teu raio."⁽²²⁾

CONCLUSÃO

Muito haveria ainda a dizer. Da face-
ta satírica de Bocage, muitos poemas fica-
ram por referir.

Contudo, das críticas jocosas, dos

repentismos, das violentas diatribes poéticas contra frades e instituições religiosas⁽²³⁾, não podemos, nem queremos, deixar de referir, e citar, o soneto

"Se quereis, bom Monarca, ter soldados
Para compôr lustrosos regimentos,
Mandai desentulhar esses conventos
Em favor da preguiça edificadas."⁽²⁴⁾

ou, a propósito de acontecimento na feira de Santarém, os epigramas

I

"Entre um frade, e um burro
Ha tanta conformidade
Que ou o frade é pae do burro,
Ou o burro é pae do frade!"

II

"Casou um bonzo na China
Co'uma mulher feiticeira;
Nasceram tres filhos gemeos,
Um burro, um frade, e uma freira.

que o anotador anónimo acrescenta aos dois sonetos de Bocage sobre o episódio escalabitano⁽²⁵⁾.

O mesmo se passa com alguns sobre si próprio, de que ressaltamos o soneto "Lá quando em mim perder a humanidade" em que Bocage apresenta o seu próprio epitáfio⁽²⁶⁾.

Não pretendendo ser exaustiva, a análise que apresentamos parece mostrar, indiciar, apontar, não demonstrar nem provar, que há uma certa coerência nas duas vertentes da obra bocagiana; que certas marcas existentes na poesia da *Opera Omnia* são, também, visíveis nos diversos poemas eróticos e satíricos. E isto, em nosso entender, cria uma certa unidade em toda a poesia de Bocage, transformando-a num todo em que as contradições, embora existentes, serão mais aparentes, que reais.

Haverá mesmo contradições em Bo-

cage? Será (seria) Bocage um ser eminentemente contraditório? Ou as suas contradições são as contradições de todo e qualquer ser humano?

"Quantas vezes, Amor, me tens ferido!
Quantas vezes, Razão, me tens curado!
Quão fácil de um estado a outro estado
O mortal sem querer é conduzido!

Tal que em grau venerando, alto e luzido,
Como que até regia a mão do Fado,
Onde o Sol, bem de todos, lhe é vedado,
Depois com ferros vis se vê clingido.

Para que o nosso orgulho as asas corte,
Que variedade inclui esta medida,
Este intervalo da Existência à Morte?

Travam-se gosto e dor; sossego e lida...
É lei da Natureza, é lei da Sorte
Que seja o Mal e o Bem matiz da vida.'

NOTAS

1 - Apontemos alguns dos aspectos detectados num rápido confronto com a PEBS. A PEA:

- Omite toda e qualquer nota informativa e/ou esclarecedora, pelo que não alerta o leitor para alguns poemas de autoria duvidosa, ao contrário do que faz o editor anónimo de PEBS;

- Inclui alguns poemas que não serão da lavra de Bocage (como o soneto XXXVIII e o poema "Arte de Amar");

- Apresenta algumas lições erradas, que obviamente encaminham o leitor para interpretações menos lícitas:

p. 15: *uniu-se por uniu-te*;

p. 27: *afirmam*. Parece mais lícita a lição *firmam*;

p. 54: *O Deus*, quando deveria ser *Oh Deus*;

p. 56: *rimes por crimes*;

p. 67: *quando...quando por quanto...quanto*;

p. 81: *Mamenta por Lamenta*;

soneto II: *sub-venites* não existe. O

correcto é *sub-venites*;

p. 119, soneto XXIII: *chorando por chamando*;

p. 131, soneto XLI: *cá*; PEBS omite;

p. 134, soneto XLV: *cumprir por compôr*;

p. 145, l. 1: a por à;

para além do uso de minúsculas em certos nomes (*tibre por Tibre; amor por Amor; etc.*);

- Na página 63, ao poema de 20 versos correspondem, na realidade, dois poemas distintos, cada qual com duas quintilhas;

- O soneto LIII é repetição do XVIII;

- Se omite notas esclarecedoras, acrescenta uma sátira do bejense José Agostinho de Macedo "como complemento indispensável para a compreensão da "Pena de Talião", a célebre resposta com que Bocage reagiu. A intenção é louvável, simplesmente também omite a "célebre resposta de Bocage" pelo que quem, levado pela curiosidade, a queira ler terá que consultar outra edição.

- A distribuição temática dos poemas não é a mais adequada. Na realidade, não vemos onde está a "Sátira contra poetas" nos dois únicos poemas que o compõem, o "Epístola a Marília" e "O Inferno do Ciúme". Sátira a poetas, e não só, surge, sim, em bastos sonetos.

Também não vemos as razões que levaram (quem?) a integrar no grupo "Poesia Satírica" (não o será ela toda?) o poema "Cornos fidalgos", ou o "Improvisado", ou o "Diálogo do poeta com o Tejo" e a não fazer o mesmo com "A um tabelião velho", para não indicar outros.

De qualquer modo, é uma edição necessária ... em última análise porque as anteriores edições da poesia erótica, burlesca e satírica de Bocage estão esgotadas há muitos anos.

2 - Fundamentando a nossa opinião, eis algumas passagens exemplares: "Para perfeita inteligência d'este soneto, que de outra sorte ficaria talvez impenetrável á percepção dos leitores, juntaremos aqui resumidamente a historia que forneceu o assumpto de tal composição [...]" (p.209); "Posto que sobejem fundamentos para jul-

gar reaes as personagens, e passados em verdade os factos, [não é] possível entrar em algumas particularidades a esse respeito: e até julgamos pouco provavel que, mesmo em Setubal, se conserve ainda a memoria do azevichado heróe [...]" (p.165);

Sobre o soneto "Tendo o terrível Bonaparte á vista", afirma o anotador: "O penultimo verso lê-se em algumas copias do modo seguinte [...]" (p.189); ou, sobre outros poemas: "[...] pela impossibilidade de fazer a necessaria confrontação com outras copias deixamos ir alguns logares, que nos parecem viciados, mas que nos não atrevemos a emendar de motu-proprio" (p.187); "[...] mas pareceu acertado reproduzi-los, por conterem variantes" (p.203); "Do poema "Manteigui" temos visto três ou quatro edições diversas [...]. Não ligámos a alguma em particular, mas aproveitamos de todas as variantes que offereciam visos de mais correctas, confrontando-as sempre com os manuscriptos que possuíamos [...]" (p.167);

Composições complementares: "A proposito d'este soneto [que versa crítica e satiricamente assuntos de ordem militar], ajuntaremos aqui outros de assumpto analogo [...]" (p.204) e seguem-se cinco sonetos, dois dos quais anónimos; a propósito da "Epístola a Marília", o anotador apresenta, por as supor "desconhecidas para o commum dos leitores", duas "Refutações" que conservara em seu poder, uma de Manoel Thomaz Pinheiro d'Aragão (a "Anti-Pavorosa -- Parodia Christã", com 211 versos) e a outra, com 214 versos, de autor desconhecido ("Epístola ao Auctor da 'Pavorosa'"), (pp. 168-185); algumas sátiras a Bocage: quatro sonetos, sendo dois anónimos, um de B.M.Curvo Semedo e um de J.Franco; um epigrama de Caldas Barbosa ("De todos sempre diz mal / O impio Manoel Maria; / E se de Deus o não disse, / Foi porque o não conhecia"); e uma sátira de 66 versos, de autor não indicado (pp. 197-202).

Exclusões: "Assim resolvemos excluir tudo o que de proprio conhecimento ou em resultado d'exame critico e comparativo, se mostrava evidentemente alheio;

já porque contivesse allusões a pessoas, ou factos mais recentes; já porque sendo [...] ineptamente escripto, serviria de descredito para o poeta, e muito mais denunciaria a falta de siso e de critica em quem ousasse attribuirh'o; já [...] porque muitas dessas obras [pertencem] a auctores conhecidos [...] (p.188); sobre "Arte de Amar - Imitação de Ovídio": "Aquelle que fôr versado no conhecimento de estylos terá talvez aventado que o d'esta composição se afasta notavelmente da elocução propria de Bocage. E na verdade, segundo a asseveração de pessoas competentes, a obra é de Sebastião Xavier Bote-lho; mas tambem nos certificaram que tendo-a seu auctor submettido á correcção e censura de Bocage, este emendára e polira muitos versos, introduzindo-lhe outros totalmente seus, pelo que nos pareceu que de justiça devia achar cabida na presente collecção." (p.186); ou o soneto "Não lamentos, oh Nise, o teu estado" "tem sido tão constantemente havido como produção de Bocage, e é tão popular, e conhecido, que não poderíamos dispensar-nos de aqui o reproduzir. Mas pede a verdade que se diga que Manoel Maria foi inteiramente extranho a esta composição. Conforme o testemunho irrefragável dos contemporâneos mais bem instruídos [...] o seu verdadeiro auctor foi João Vicente Pimentel Maldonado [...]". Diz-se que o próprio Bocage terá recusado tal autoria e teria feito reparos ao poema incluindo alterações de versos: se fosse dele, Bocage, "em lugar do verso "O teo cono não passa por honrado" teria dito "Não passa o cono teu por cono honrado" (pp.190-191).

3 - Lorde Beckford, "Italy, Spain and Portugal, with an Excursion to the Monastery of Alcobaça and Batalha", citado e traduzido por Teófilo Braga em *História da Literatura Portuguesa - Bocage, apud* Hernâni Cidade, "Prefácio" a M.M.B. Bocage, *Opera Omnia*, vol. I.

4 - Vejam-se, para além do auto-retrato "Magro, de olhos azues, carão moreno", os seguintes versos sobre Bocage (em PEBS, pp. 198-199):

"Este que vês, com olhos macerados, / Não é Bocage, não, rei dos bregel-

ros, / São apenas seus ossos descarnados" (B.M. Curvo Semedo);

"Esqueleto animal, cara de fome, / De Timão, e chapéo á holandeza, / Olhos espantadiços, bôca acceza, / D'onde o fumo, que sae, a todos some" (Anónimo); ou, ainda de Bocage, "Que importa, descarnado e macilento, / não ter meu rosto o que alicia os olhos" ("Pena de Tallão", *Opera Omnia* - III, p. 52), entre muitos outros exemplos possíveis.

5 - Soneto IV, p. 107.

Compare-se este soneto com os "Preside o neto da rainha Ginga", "Deixa, insigne Bocage, insultos vates", "Por casa Febo entrou co'um vil bugio" e "Lembrou-se no Brasil bruxa insolente", que se encontram na *Opera Omnia*. Sendo o tema e o visado os mesmos, o tratamento é, quanto a nós, inferior.

Atente-se, também, ao verso 13 deste soneto: o seu ritmo perfeitamente binário (ou alternado) de sons altos e baixos (sílabas tónicas e átonas) e, sobretudo, os cinco substantivos definidores, e caracterizadores, do visado, que pela sua quantidade nos parecem uma raridade na poesia portuguesa, mostram a maestria do poeta que os concebeu.

Ainda neste verso 13, a lição *uma*, em PEA, não é aceitável, pois colocar-nos-ia perante um verso com 11 sílabas. A lição correcta será a que apresenta PEBS, o artigo indefinido do género masculino *um*.

6 - Sonetos "Já por bárbaros climas entranhado" e "Apenas vi do dia a luz brilhando", respectivamente. Há, no entanto, que salvaguardar um aspecto: até que ponto os poemas líricos, no geral, ou estes, em particular, são confessionais? Uma coisa é certa: ambos os sonetos têm marcas autobiográficas insofismáveis.

7 - Glosas ao mote "O Inferno do Ciume", em PEA, p. 60.

Note-se o paralelismo temático com a "Epístola a Marília - Pavorosa ilusão da Eternidade". Serão da mesma altura?

8 - Soneto IX, PEA p. 110.

Curiosa é a nota que em PEBS, pp. 202-203, acompanha este soneto. A fazer fé nela, Bocage terá pertencido a uma das

ligas maçónicas que então existiam em Lisboa, tendo-a frequentado por alguns meses. Um dia, por desavenças com alguém da Liga, explodiu colericamente com este soneto que posteriormente rasgou, não sem que alguém, antes, o tivesse copiado. O doutor "macaco" será José Joaquim Ferreira de Moura. Este, bem como Bento Pereira do Carmo, para além de terem pertencido à mesma Loja que Bocage, foram deputados às Cortes de 1821 e 1823.

9 - Óscar Lopes, *Ler e Depois*, pp.159-161.

10 - Jacinto do Prado Coelho, "Bocage", em *Dicionário de Literatura*.

11 - Orlando Neves, "Introdução" a Bocage, *Poesias*, Círculo de Leitores.

12 - H.Cidade, "Prefácio" a Bocage, *Opera Omnia*, vol. I.

13 - V.Cruz, "As paixões do destino nas mortes de Bocage".

14 - Artur Anselmo, "Bocage".

15 - João Mendes, *Literatura Portuguesa II*, p. 260.

16 - João Mendes, *opus cit.*, p. 248.

17 - em *Ler e Depois*, p. 155.

18 - PEA, p. 27 (Epístola VI, de Alzira a Olinda).

19 - e continua Alzira:

"Ah! deixa, Olinda, deixa que alardeiem
Virtude austera hipócritas infames.
Sabe que, enquanto amor horrível pintam,
Enquanto aos olhos teus assim o afeiam,
De uma amante venal nos torpes braços
Vão esconder transportes que os devoram,
E, por castigo seu, somente gozam
Emprestadas carícias, vis afagos.
Mas quando assim os homens dissimulam,
Para dissimulares te dão direito:
Finge, como eles; ama, e lho disfarça,
Que é mais um gosto amar às escondidas.
Afecta, embora, afecta sãsudeza
Já que a afectar te obrigam, e em segredo
De instantes enfadonhos te indemniza;
Zomba dos seus ardis e estratégias,
Dize, entre os braços de um amante caro,
Que mais crédulos são do que te julgam,
Se crêem nos laços seus aprisionar-te.
Se os deleites de amor são só delitos
Quando sabidos são, com véu mui denso
A perspicazes olhos os encobre;
Vinga-te desses, que abafar procuram

As doces emoções, que n'alma sentes."
in PEA, pp. 20-21 (Epístola IV, de Alzira a Olinda)

20 - PEA, pp. 58-59.

21 - PEA, pp. 53-59.

22 - Mas virá mesmo? Haverá incompatibilidade total entre o defendido na força da vida e o opinado nos estertores finais? A sensação que a leitura, sobretudo do soneto "Pela voz do trovão...", nos dá é muito similar à da célebre frase "Eppur si muove", que Galileu terá pronunciado perante o Santo Ofício. É como se ele tivesse dito: "Está bem. Eu digo isso só porque me obrigas, pois não continuo a acreditar (ou tenho certeza naquilo que antes dizia)".

Repare-se, por exemplo, na segunda quadra do soneto "Pela voz do trovão corisco intenso". Não será o último verso desta quadra uma reafirmação do primado da razão, melhor, do raciocínio, da inteligência? Não será o último verso o afirmar orgulhoso de um certo cartesianismo ("eu penso!")?

Mais. Nos dois últimos versos não são reafirmados, ainda que indirectamente, outros versos, outros pensamentos, outras ideias como, por exemplo, em "Há Deus, mas Deus de paz, Deus de piedade", um dos versos de "Epístola a Marília"?

E nesta linha de raciocínio note-se, também, a glosa "Dobra o joelho a Razão" (*Opera Omnia*, vol.IV, p.94):

"Enquanto da formosura / O encanto se não observa, / Livre a Razão se conserva, / Tranquilla, serena e pura; / Mas quando o Céu se afigura / Em humana perfeição / Quando se forja o grillhão / Tão funesto à liberdade/ Inda sendo divindade / Dobra o joelho a Razão"

ou seja: o que o poeta parece afirmar, sobretudo no quarteto final, é: o poder tem mais força que a razão, que a justiça; há que ceder à prepotência, à força, ou as consequências serão terríveis.

23 - Na versão mais burlesca, que segundo Hernâni Cidade terá sido a redacção primitiva, de "Magro, de olhos azuis, [etc.]" (PEA, nº XII) não se define ele próprio como "Inimigo de hipócritas e frades"?

E, já agora, vejamos alguns apodosos a frades, extraídos somente dos sonetos:

"Esquentado frisão, brutal masmorro" (PEA, nº VI); "Negro barrasco, um Frei Tutano" (PEA, nº X); "Bojudo fradilhão de larga venta / Abismo imundo de tabaco esturro, / Doutor na asneira, na ciência burro" (PEA, nº V); "Aquele semi-clérigo patife" (PEA, nº XLI); "Lascivo como um burro ou como um frade" (PEA, nº XVI).

Sobre este tema, vejam-se, abaixo, texto e nota 24.

24 - PEA, soneto nº XLV.

A propósito deste soneto, o anotador de PEBS ajunta "outros de assumpto analogo" e transcreve cinco sonetos, um de "Fr. José Botelho Torrezão, frade paulista fallecido em 1806" ("[...] Riu-se Deus, e lhe disse: - Não te enfades: / - Frades não fiz, de frades não preciso; / Quando o mundo souber o que são frades, / Ha de extinguil-os, se tiver juizo."); o segundo de José Caetano de Figueiredo (" Encontrei certo Leigo franciscano [...] pedindo esmola: [...] Como é possível que a nação contente / Mantenha ufana, e liberal socorra / A tão inutil, ociosa gente? [...]); o terceiro de Francisco Manoel do Nascimento ("Christo morreu ha mil e tantos annos; / Foi descido da cruz, logo enterrado; / E inda assim de pedir não tem cessado / Para o sepulchro d'elle os franciscanos! / Tornou a ressurgir d'entre os humanos; / Subiu da terra ao ceu, lá está sentado; / E á saude d'elle sepultado / Comem á nossa custa estes maganos: / Cuidam os que lhes dão a sua esmola / Que ella se gasta na funcção mais pla... / Quanto vos enganaes, oh gente tola! / O altar mór com dous côtos se allumia: / E o fradinho co'a puta, que o consola, / Gasta de noute o que lhe daes de dia."); e os dois restantes anónimos ("Padre Frei Cosme [...] Tire a mascara pois, largue a sacola, / E deixe o povo, a quem impunemente / Em nome do Senhor escorcha, e esfola [...] e "Lingua mordaz, infame, e mal dizente, / Não ouse murmurar do bom prelado: / Inda que o vejas com Alcippe ao lado. / Amiga não será, será parente: / Geral da Ordem, prégador potente. / No jogo padre-mestre jubilado, / E que te importa que fornique a moça? / Que prégue

o evangelho por dinheiro? / Que em vez de andar a pé ande em carroça? / Talvez que d'isso seja um verdadeiro / Dos monges exemplar, da Serra d'Ossa, / Pois que dos monges é hoje o primeiro.") (pp.204-208).

25 - Os sonetos X e XI (PEA nºs VI e X). Na mesma nota, o editor de PEBS transcreve, ainda, "a historia da composição d'estes sonetos [que] se encontra amplamente descripta na "Livreria Classica" (tomo XXIII)".

26 - PEA, soneto II.

BIBLIOGRAFIA

BOCAGE, *Opera Omnia*, 6 vols., Direcção e Prefácio de Hernâni Cidade, Livreria Bertrand, Lisboa, 1969.

Poesias Eroticas, Burlescas e Satyricas, ?, 1964, edição de 1000 exemplares numerados e destinados ao Brasil (*fac-símile* da edição londrina de MCMXXV?).

Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas, Lisboa, Publicações Europa-América (collecção "Clássicos" nº 15), 1991.

Poesias, (Seleccção, Introdução e Revisão de Orlando Neves). Círculo de Leitores, Lisboa, 1973.

ANSELMO, Artur, "Bocage", em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, ed. Verbo, Lisboa, 1965.

COELHO, Jacinto do Prado (dir.), *Dicionário de Literatura*, 3ªed., Figueirinhas, Porto, 1979.

CRUZ, Valdemar, "As paixões do destino nas mortes de Bocage", em *fim de semana - o diário* (suplemento cultural), 8.Abril.1989.

LOPES, Óscar, "Bocage - Fronteiras de um individualismo" em *Ler e Depois*, - *Crítica e Interpretação Literária* /1, 2ªed., Editorial Inova, Porto, 1969.

MENDES, João, *Literatura Portuguesa II*, 2ªed., ed. Verbo, Lisboa, 1982.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, 11ªed., Porto Editora, Porto, 1979.

HÁ MEIO SÉCULO

1941 - 1991



NA RUA DO CARMO, 70 1 200 LISBOA

**INICIOU A SUA ACTIVIDADE
COM UM PROPÓSITO BEM DEFINIDO
E QUE MANTÉM:**

**SERVIR O LIVRO
E O LEITOR**